

Um depoimento sobre a questão indígena — final

Centro Ecumênico de Documentação e Informação



"A terminologia camponês é usada apenas para humilhar povos indígenas".

“O Estado indígena, sonho sul-americano”

No depoimento de ontem, o coordenador geral do Conselho Sul-Americano dos Povos Indígenas expôs as finalidades da entidade que pretende defender os direitos dos 60 milhões de índios que vivem na América do Sul. Ramiro Reynaga, especialista em ciência política e sociologia falou também a Carlos Alberto Luppi, enviado especial da “Folha” ao Congresso Latino-Americano dos Povos Indígenas, em Cuzco, Peru, sobre as tendências políticas e ideológicas que atuam sobre os índios na sociedade dominada pelos brancos, e explicou como os movimentos de libertação indígena devem se comportar para não perder sua identidade.

Neste quarto e último depoimento, Ramiro Reynaga volta a falar do Estado Indígena que ele, líder dos índios da América do Sul, pretende criar, ao mesmo tempo que apresenta novos aspectos da sociedade indígena que o Conselho Sul-Americano dos Indígenas vai estabelecer. “Como coordenador deste Conselho na América do Sul, quero começar a construir o governo índio da América do Sul fazendo dele um germe a nível regional, uma semente do nosso próximo governo próprio em vários países. Este futuro governo índio, será múltiplo e, para entendê-lo melhor, precisamos citar os exemplos da Venezuela, que tem apenas 1% da população constituída por índios, e o dos Andes, onde este percentual sobe para 85%, cifras estas baseadas em levantamentos oficiais. Cito estes números para realçar a necessidade de que um governo índio subcontinental não pode ignorar estes imperativos demográficos. Cada país terá sua própria política governamental, mas centralizada no governo geral a ser instalado nos Andes. Isto, porém, não quer dizer que vamos criar um poder imperialista aqui nos Andes, mas sim um Conselho Regional da América do Sul, onde todos os índios estarão representados e assim atender às necessidades de todos os povos indígenas do continente. Os problemas dos índios chegarão ao Conselho para que ele estude a melhor forma de resolvê-los e de como pressionar os governos para evitar uma situação de massacre, de desrespeito e de aviltamento dos povos índios como vem acontecendo até hoje.

CONCEITO DE PROPRIEDADE

“Para a mentalidade européia, na teoria e na prática, as sociedades são basicamente individualistas, mercantilistas e guerreiras.

Para nós, índios, o conceito de propriedade privada simplesmente não existe. O que vale é a propriedade comunal. Quanto a essa diferença, podemos observá-la em conceitos decadentes europeus e até mesmo nos seus idiomas. Na língua espanhola, por exemplo, 20% dela engloba conceitos individualistas, de possessão individual, de propriedade privada. Na nossa língua “quechua” não há estes conceitos. Toda nossa conceituação é coletivista, pacífica, sem mercantilismos.

Os antropólogos, reunidos certa vez numa convenção mundial, em Barbados, resolveram deixar seus livros e teorias de lado e estudar os povos índios. Nessa ocasião, eles concluíram que a própria Antropologia não tem nenhum sentido se não participa das lutas dos povos que estão sendo massacrados. E pensaram:

afinal, o que nós antropólogos vamos estudar se não defendemos tais povos do extermínio? Estou citando este exemplo para mostrar que queremos somar a ideologia índia com a tecnologia atual, mas uma tecnologia humana e não destruidora. O Ocidente usa a tecnologia e o avanço científico para a destruição. A terminologia camponesa, por exemplo, quando aplicada ao índio sul-americano pelos europeus, foi utilizada para humilhar nossos povos.

A palavra camponês aplicada ao índio sul-americano tem como objetivo humilhar nossos povos. Há camponeses e índios, mas o europeu de direita e de esquerda une tudo na palavra camponês para nos desunir. Mas nós estamos atentos a isso. Estamos entrando numa etapa histórica em que os índios e seus povos terão sua voz e sua vez. Afinal, em sua consciência, o que o mundo ocidental destruído e em decadência tem para nos oferecer? Veja nossa história e nossos sistemas. Temos muito mais para dar no sentido da fraternidade, da humanidade, da produtividade, do coletivismo, do sentido religioso e do respeito mútuo.”